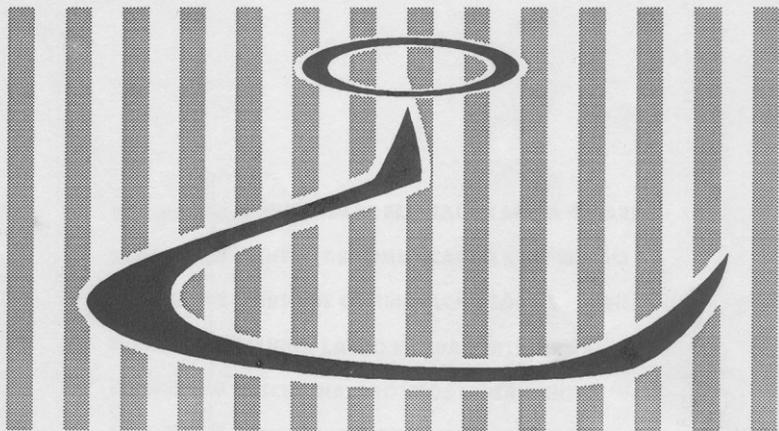


V i v o d o P o r t o



**G r a n d e R e p o r t a g e m
e m
F o t o g r a f i a**

P O R L A U R O M A E D A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
ALUNO: LAURO MAEDA - 9018322=3
DISCIPLINA: PROJETOS EXPERIMENTAIS
ORIENTADOR: PROF. WALACE LEHNEMANN
SEMESTRE: 95.2

"Vivo do porto" é uma grande reportagem em fotografia que irá retratar a mão-de-obra nos três portos do Estado de Santa Catarina: Imbituba, São Francisco do Sul e Itajaí. Pretende mostrar os trabalhadores e suas atividades. O companheirismo, as dificuldades, as atitudes, enfim, contar através de fotografias em preto e branco, um pouco da vida e do trabalho destas pessoas. Serão 30 fotografias em preto e branco no tamanho 30x40 apoiadas por legendas, apresentadas através de uma exposição que se realizará a partir do dia 18 de dezembro no Hall da Reitoria da UFSC.

A idéia surgiu a partir de um trabalho que estava sendo desenvolvido em Itajaí para a Revista Empreendedor no início de setembro. Na ocasião, uma das pautas era fotografar um navio cargueiro atracado no porto. As fotos foram feitas do lado de fora, limitando os ângulos, e infelizmente a falta de tempo impediu uma investida no cais. O tema do projeto estava se definindo naquele momento.

No fim de setembro serão feitos os contatos com as administrações e marcados os dias em que cada porto será visitado. São programados 6 dias para cada porto, tempo necessário para as etapas de pesquisa e desenvolvimento, levando em consideração as condições do tempo.

As fotografias serão realizadas sem auxílio de qualquer tipo de iluminação, apenas a natural ou do próprio ambiente nas tomadas a noite. A utilização de filmes com sensibilidade alta como o T-Max 400 iso, fica definida pela sua capacidade de adaptação em várias condições de luz, desde o sol de meio-dia até a luz no interior do porão de um navio, por exemplo, além da possibilidade de utilizá-lo em "puxadas" para até 3200 iso em fotos noturnas com granulação aceitável.

O resultado deste projeto poderá ser analisado pelo público através de exposições que percorrerão as cidades portuárias catarinenses posteriormente a apresentação à banca.

JUSTIFICATIVAS

Muita gente sabe como funciona um porto, mas poucas pessoas já tiveram oportunidade de caminhar pelo cais, conversar com os estivadores, e presenciar todo o processo, feito quase diariamente, desde a atracação de um navio até a sua saída do porto.

Santa Catarina dispõe de três portos que embarcam e desembarcam vários tipos de carga, desde contêiners até trigo, passando pelo frango, madeira, motores, papel e açúcar. Os portos de Imbituba, Itajaí e São Francisco do Sul movimentam por ano aproximadamente 15 milhões de toneladas de mercadorias.

Retratar apenas um porto não será suficiente para mostrar com fidelidade o trabalho dos portuários catarinenses, até porque cada porto tem características próprias e estruturas que suprem as necessidades dos diferentes tipos de carga. O Porto de Imbituba por exemplo movimenta basicamente contêiners, o de Itajaí frangos congelados e carga geral, e o Porto de São Francisco o petróleo cru, a soja e a madeira serrada. A diversificação da mão-de-obra será conseguida somente com a soma das atividades realizadas em cada porto.

O trabalho de documentação através de imagens vem da década de 30. Apesar de não se saber exatamente o momento em que este tipo de reportagem fotográfica começou, muitos acreditam que foi Roy Stryker, do departamento de Agricultura do

governo americano que desenvolveu o conceito de fotografia documental. Foi criado um organismo que ficou conhecido como FSA (Farm Security Administration), cujo principal objetivo era fazer um levantamento da situação dos agricultores a fim de ajudar aqueles que estavam em dificuldades causadas pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. ("Ensaio Sobre a Fotografia" de Susan Sontag, 1935).

Foram convocados os melhores fotógrafos norte-americanos para a execução deste trabalho. Entre eles Dorothea Lange, Walker Evans, Carl Mydans, Gordon Parks e Jack Delano. O resultado das reportagens foi tão valioso que se transformou numa das mais importantes coleções documentais da época. Estas fotos estão arquivadas na Biblioteca do Congresso de Washington.

Outro exemplo da importância da documentação fotográfica como instrumento de transformação da sociedade ocorreu no início do século, mais precisamente em 1905, quando o sociólogo americano Lewis Hine conheceu a fotografia e passou a usá-la como suporte para suas pesquisas. Durante vários anos o trabalho escravo que envolvia crianças nas fábricas, foi alvo de sua câmera resultando na criação de uma lei trabalhista pelo governo americano, que as protegesse contra a exploração da mão-de-obra infantil.

Na mesma época em Paris, um pintor desconhecido tomava contato pela primeira vez com uma nova arte, a fotografia. Considerado por muitos estudiosos o grande incentivador da fotografia documental, ele registrou vários ângulos da cidade deixando um dos mais importantes acervos sobre a época.

Na Alemanha dos anos 30, a idéia do ensaio, composto por várias fotografias sobre um mesmo assunto, ganhou força através do editor-chefe da revista "Muncher Illustrierte Presse", Stefan Lorant. Para ele as reportagens fotográficas deveriam se

desenvolver como uma peça de teatro deixando a interpretação a cargo do público que fosse apreciar as fotos. Os ensaios passaram a ocupar páginas e mais páginas das revistas de todo o mundo. (Iris Foto Nº 472 / 1994).

Considerado o mestre da fotografia documental, o brasileiro Sebastião Salgado registrou ao longo dos quase 25 anos de carreira, a cultura, os costumes, a miséria, as dificuldades e o drama de vários grupos sociais nos quatro cantos da Terra. As fotos do livro "The Best Photos / As Melhores Fotos de Sebastião Salgado são um exemplo da sua capacidade de conseguir transferir para uma emulsão fotográfica não apenas a realidade visual, mas também o sentimento, a dor, uma gama de emoções captadas através da sua sensibilidade.

O trabalho de Sebastião Salgado será de extrema importância como base de linguagem para este projeto. O domínio perfeito da técnica do contra-luz utilizando apenas filmes em preto e branco, e a maestria com que registra instantâneos do cotidiano das pessoas, faz do trabalho de Salgado uma excelente fonte de pesquisa e estudo na etapa de pré-execução em qualquer projeto de grande reportagem fotográfica.

METODOLOGIA

Os portos serão visitados na seguinte ordem: Imbituba, São Francisco do Sul e Itajaí. Esta sequência foi definida após análise do movimento de navios em cada porto através de relatórios. O Porto de Imbituba foi escolhido para ser o primeiro justamente porque é o porto com menor movimento atualmente, com uma média de

20 navios por mês, enquanto que em São Francisco e Itajaí o número sobe para 30 e até 40 navios/mês. Esta decisão será positiva no processo de familiarização com o universo que será estudado e fotografado ao longo do projeto.

Como a finalidade das fotografias é mostrar pessoas em seus respectivos ambientes de trabalho e os portos funcionam 24 horas por dia, será necessária a utilização de filmes de sensibilidade extremamente alta como os T-Max 3200 iso para as tomadas noturnas. Em nenhum momento será usado flash eletrônico para a execução deste trabalho. Além de eliminar o volume dos objetos fotografados, interfere de maneira negativa durante uma seqüência de fotos que exige discrição para preservar a naturalidade das pessoas.

A escolha pelo preto e branco é pessoal. A linguagem jornalística tem uma característica própria que é a de revelar um acontecimento na sua essência, ou seja, sem o compromisso de mostrar detalhes de cores que possam remeter o espectador a outras direções e interpretações da imagem. O fato registrado é o elemento mais importante da fotografia.

Analisando fotos famosas do jornalismo brasileiro como aquela do Jânio Quadros (foto de Erno Schneider / O Globo / 1961) com os pés paralelos em sentidos opostos, revelando a indecisão de que rumo tomar, pode-se dizer que o fato é tão curioso que a cor do terno que ele estava vestindo naquele momento não tem o menor interesse. Quer dizer, a essência daquela fotografia é a posição curiosa do ex-presidente e ausência das cores não faz falta para a compreensão da foto.

As linguagens das fotografias em preto e branco e as coloridas são distintas, na essência. Tomando como exemplo novamente a foto do ex-presidente Jânio Quadros. A ausência do elemento cor naquela foto, não compromete jornalisticamente

o registro do instantâneo, pois presume-se que aquele tom escuro do terno seja na realidade um azul ou preto. Mas suponhamos que ao invés de do tom escuro, fosse um tom claro e naquele momento o presidente estivesse usando um terno rosa ou uma gravata amarela. O elemento cor, neste caso, faria uma diferença crucial na fotografia.

RECURSOS FINANCEIROS

Material fotográfico

- 03 latas de filme Kodak T-Max 400 iso

Valor: R\$ 210,00

- 01 Revelador para filmes KodakT-Max RS

Valor: R\$ 25,00

- Revelador Kodak Dektol 5 litros para papel fotográfico

Valor: R\$ 10,00

- 02 pacotes de Fixador Kodak 5 litros

Valor: 20,00

- 01 Cx. de Papel Fotográfico Kodak Polymax F 18x24

Valor: R\$ 30,00

- 02 Envelopes de Papel Fotográfico Ilford Multigrade Pearl 30x40

Valor: R\$ 60,00

Sub-total: R\$ 355,00

Hospedagem

Imbituba

Imbituba Hotel

Valor: R\$ 90,00

São Francisco do Sul

Hotel Zibamba (04 diárias)

Valor: R\$ 140,00

Itajaí

Sem gastos

Sub-total: R\$ 230,00

Alimentação

R\$ 150,00

Combustível

70 litros

Valor: 40,00

Outros gastos

Valor: 200,00

Total: R\$ 975,00

OBJETIVOS

Este projeto tem o objetivo de retratar com clareza e fidelidade o cotidiano de uma classe trabalhadora em seu ambiente de trabalho, e registrar imagens que possam de alguma forma contribuir para o desenvolvimento, a segurança, a produtividade,

e muitos outros itens importantes para buscar o aprimoramento dos serviços portuários. Além de levar ao público um pouco dos costumes e da vida de quem trabalha pesado para o progresso do país.

Colocando como exemplo o trabalho do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, um dos mais respeitados do mundo na linha de grandes reportagens, este projeto contará uma história. Os personagens principais serão os trabalhadores dos portos catarinenses e vai se desenvolver nos pátios, cais, armazéns, e se possível nos porões dos navios, onde é intenso o movimento dos estivadores.

A alegria, o companheirismo, a força e o suor dos trabalhadores serão captados durante as três semanas de visita pelos portos de Imbituba, São Francisco do Sul e Itajaí. Neste período pretende-se acompanhar de perto todas as atividades realizadas dentro de cada porto e mostrar o trabalho noturno, a hora da refeição, as brincadeiras, o lazer, os perigos e as dificuldades que essas pessoas enfrentam no dia-dia de trabalho.

CRONOGRAMA

Pré-produção

De 25 a 29 de setembro

Produção

De 09 a 13 de outubro - Porto de Imbituba

De 23 a 27 de outubro - Porto de São Francisco do Sul

De 30 de outubro a 03 de novembro - Porto de Itajaí

Edição e Pós-produção

De 06 a 11 de novembro - Revelação dos filmes e contatos

De 13 a 17 de novembro - Edição e ampliação das fotografias

De 20 a 24 de novembro - Legendas das fotografias e relatório do projeto

De 27 de novembro a 08 de dezembro - Montagem dos painéis e revisão geral do projeto

Apresentação

Dia 18 de dezembro - Apresentação do projeto / Exposição no Hall da Reitoria da UFSC

BIBLIOGRAFIA

* Salgado, Sebastião

As melhores fotos / The Best Photos

São Paulo: Boccato Editores, 1992

* Evans, Harold

Testemunha Ocular - 25 Anos Através das Melhores Fotos Jornalísticas

São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1981

* Sontag, Susan

Ensaio Sobre a Fotografia

1935.

* Iris Foto N° 454

A Estética da Dignidade / Sebastião Salgado

São Paulo: Editora Iris, Jun/1992

* Iris Foto N° 472

A Classe Trabalhadora vai ao Paraíso / Sebastião Salgado

São Paulo: Editora Iris, Mai/1994

* Fotografia Manual Completo de Arte e Técnica

Time-Life International: 1976

Copyright Abril S.A. Cultural e Industrial: 1978

No início do semestre três colegas me convidaram a participar de um projeto que pretendia elaborar um CD-ROM institucional da UFSC. Este produto abordaria diversos assuntos como pesquisa e ensino dos vários departamentos que compõem a Universidade. Para tornar possível a execução deste projeto dependia-se de verbas da própria UFSC que foi garantida após uma reunião com o reitor Antônio Diomário de Queiroz.

O orçamento que atingia valores superiores a R\$ 20 mil incluía a compra de dois poderosos PCs Pentium com 32 megabytes de memória RAM e 2 winchesters de 1 Gyga cada um. Com este equipamento teríamos tranquilidade para desenvolver o trabalho.

A tranquilidade que nos foi passada na reunião com o reitor, começou a virar preocupação no início de setembro. Passado um mês depois da reunião, a verba não tinha aparecido. O tempo que já era curto estava ficando cada dia mais crítico. Após várias investidas ao gabinete do reitor, ele garantiu que conseguiria cobrir o orçamento nem que fosse preciso buscar o dinheiro em outras instituições como o Besc, Telesc etc.

A essas alturas eu já estava pensando em outro projeto. E foi durante uma viagem a Itajaí a serviço da Revista Empreendedor, que o tema surgiu na minha frente, ou melhor, invadiu a minha objetiva. Uma das pautas era fotografar um cargueiro atracado no Porto, de preferência com o movimento de máquinas. Por sorte encontrei o cenário perfeito. Depois de clicar algumas fotos, a vontade que eu tinha era de entrar no Porto e fazer um ensaio lá dentro, com os trabalhadores, a mão-de-obra. Foi aí que decidi mudar o rumo da história. O CD-ROM tinha ficado para trás definitivamente.

Na semana seguinte entrei em contato com as administrações dos três portos do Estado, elaborei um novo projeto e parti com tudo para recuperar o tempo perdido. Sabia que teria que ficar mais de um dia em cada cidade para poder sentir melhor o ambiente de trabalho. Em Imbituba um amigo conseguiu 4 diárias em um hotel, e em Itajaí tinha hospedagem garantida na casa de amigos. Estava tudo pronto para a aventura, com o mínimo de gastos, o que era mais importante.

Com relação ao equipamento fotográfico tudo em ordem também. Escolhi objetivas versáteis para ser o mais rápido possível em cada situação e filmes sensíveis para enfrentar várias condições de luz. Coloquei na bolsa um corpo Nikon F4, e as seguintes objetivas: 24mm, 35mm, 135mm f/2.8, e uma 70~210mm f/4, que apesar de não ser tão clara foi muito útil pela versatilidade. Flash nem pensar. Quanto aos filmes, comprei duas latas de T-MAX 400, iso que rendeu 36 rolos com 36 fotogramas cada. Armado até os dentes, coloquei o pé na estrada no dia 09 de outubro rumo a Imbituba.

Como nunca havia circulado no cais de um porto anteriormente, não fazia muita idéia do que iria encontrar em termos de mão de obra. Claro que serviços como a estiva, a prática, a amarração eu tinha algum conhecimento, mas nada além de informações superficiais.

No Porto de Imbituba tive meu primeiro contato com este universo. Escolhi Imbituba pois sabia que em relação aos outros dois é o menos movimentado em consequência de uma alta nos valores de serviços que foi em média de 50% neste ano.

Assessorado por um amigo que por acaso já trabalhou na Cia Docas de Imbituba, passei sem problemas pela etapa burocrática. Apesar de já ter entrado em contato com a administração semanas antes por telefone. O diretor administrativo do

Porto, Glicênio Ribeiro de Castro se mostrou interessado pelo trabalho, me dirigindo em seguida ao chefe de operações, a pessoa mais capacitada para responder às dúvidas e indicar cada setor do Porto.

No primeiro dia, uma segunda-feira de sol, fiz algumas fotos. Era a primeira semana que começava naquelas condições, depois de quase um mês de chuvas. Conheci os quatro berços atracação, os depósitos de contêineres, os armazéns, enfim, comecei a me familiarizar com o ar, o ambiente e principalmente a linguagem daquele mundo. Denominações como terno, calado, ovar, desovar e vários outros, eram totalmente desconhecidos por mim, mas com o tempo e muito bate-papo, fui aprendendo e me acostumando com estas expressões.

Por infelicidade o navio que deveria atracar no dia seguinte, atrasou. Foi mais um dia de trabalho em outros setores do Porto. Passei por três armazéns (total de 17), um deles de uréia onde fiz boas imagens. Era um ambiente com uma luz muito crítica para um filme 400 iso. Mas a idéia de puxar para 800 ou 1600, apenas passou pela minha cabeça e resolvi arriscar diminuindo a velocidade do obturador. Eu não me perdoaria se deixasse passar em branco aquele cenário maravilhoso com um contra-luz perfeito.

Trabalhei basicamente com velocidades 15 e 30. Na foto "fechada" do cara trabalhando com uma enxada, usei velocidade 8 com uma objetiva 135 mm e abertura f/2.8, o detalhe é que não levei tripé. Gosto de situações críticas, de desafiar e de preferência vencer aquele pressentimento "acho que não vai dar". Nesse mesmo dia passei novamente pelos depósitos e pela manutenção de contêineres. A expectativa pela chegada do navio aumentava a medida que me aprofundava no trabalho.

No terceiro dia, ou seja quarta-feira às 15:30 h veio a confirmação do atracamento. O navio que iria carregar 1.045 toneladas de açúcar (20,9 mil sacos 50Kg cada) encostaria no berço 3 às 16:30 h. Informado de que o prático (responsável pela manobra de atragem) sairia em 5 minutos, saí em disparada para tentar acompanhá-lo na manobra. Cheguei no cais com o barco pronto para partir. Expliquei a minha situação para o prático Júlio Villa, um senhor de 57 anos e 35 de profissão, que me autorizou a subir a bordo. O Frost 3, de tripulação russa, vinha do Porto de Itajaí onde havia carregado parte do açúcar e chagava em Imbituba para completar a carga. Tudo isso porque o calado (profundidade) do canal do Porto de Itajaí é de 7 metros e o de Imbituba 9,5 metros. No Porto de Imbituba atuam 3 práticos que trabalham no sistema de escala. Cada prático fica a disposição durante 24 horas, e nesse período fará quantas manobras forem necessárias.

Durante o percurso até o Frost 3, Sr. Júlio me falou um pouco sobre a profissão, sobre seus pontos de vista em relação às irregularidades e apadrinhamento. Por ser um campo de trabalho altamente restrito graças à excelente remuneração, é muito difícil conseguir uma vaga para trabalhar. E o que acontece é que nem sempre são os melhores práticos que atuam nos portos. Sr. Júlio deu um exemplo de um prático que fez a prova numa corveta da marinha. "É um absurdo, já que na prática ele vai manobrar navios de 200 metros e uma corveta tem 50 m", desabafa. Ele diz ainda que é comum oficiais aposentados da marinha iniciarem na praticagem sem terem condições de realizar o serviço e passam em provas consideradas muito fáceis.

Um navio como o Frost 3 paga por manobra, ou seja, atracagem ou desatracagem cerca de 2 mil dólares. Este dinheiro é pago à Associação dos Práticos de Imbituba

que rateia entre seus associados. Estima-se que cada prático receba uma média salarial superior a R\$ 15 mil. No Porto de São Francisco ouvi comentários de que o prático mais solicitado pelos armadores (donos dos navios), e considerado pelos próprios trabalhadores do Porto o mais competente, chega a receber R\$ 70 mil por mês.

Existe um rodízio de trabalho, mas no caso de um navio exigir que as manobras sejam feitas por um determinado prático, terá que pagar em dobro. Ao prático que estava escalado para aquele navio e àquele indicado pelo armador. Este recebe o valor integral sem qualquer compromisso com a sua Associação.

Em pouco menos de 20 minutos percorremos 4,5 milhas, cerca de 8 Km, e encostamos no Frost 3. Com a agilidade de um menino, aquele senhor de 57 anos subiu os quase dez metros de casco em poucos segundos por uma escada de corda. Profundo conhecedor do canal por onde terá que passar com o monstro de ferro de 200 metros de comprimento, o prático é um mestre. No momento em que ele pisa à bordo, o navio passa a ser de sua inteira responsabilidade. O comandante entrega todos os comandos e assiste a manobra que dura aproximadamente 40 minutos.

Já perto do Porto, dois rebocadores se aproximam do Frost 3. Sob o comando do prático através de um comunicador, os dois barcos passam a se posicionar estrategicamente em pontos do navio e o empurram até o berço. Nessa manobra, o prático tem sob seu controle três motores: o do próprio navio que faz o movimento para frente e para trás e os motores dos outros dois rebocadores que encostam no casco para o movimento lateral.

Durante toda a manobra fiz várias fotos de todos os ângulos possíveis. Com uma enorme boa vontade, o mestre Elton Villa, filho do seu Júlio, que conduzia o barco, se posicionava de acordo com minhas necessidades. Foi aí que tive a chance (e não perdi) de fazer uma das melhores fotos do ensaio onde aparece a popa do Frost 3 ocupando 2/3 do quadro e o rebocador no terço direito, numa composição que causa um impacto muito forte.

Assim que o navio encostou no berço o trabalho passou a ser dos amarradores. Eles têm a responsabilidade de puxar os cabos lançados pelo navio e amarrá-los nos cabeços. Consegui fazer belas fotos durante a atuação dos amarradores, com bastante movimento e expressões. Aliás, as expressões faciais era um elemento que eu não abria mão de captar.

Às dez da noite começou o trabalho dos estivadores. Sob a iluminação dos holofotes do cais e do próprio Frost 3, 16 arrumadores enchiam as fundas (tipo de rede) com sacos de açúcar que eram içadas por guindastes até os porões onde a estiva tratava de empilhar a carga. Os estivadores são os únicos trabalhadores que atuam a bordo dos navios. Mesmo fotografando com filmes puxados para 3200 iso, tive que trabalhar com velocidades inferiores a 30 e com abertura máxima da objetiva, f/ 2.8. Durante esta noite que tive a felicidade de clicar uma excelente foto. Com uma 135 mm, velocidade 30 e f/ 2.8, flagrei um arrumador em cima de um caminhão pensando na vida, com olhar meio perdido, enquanto a funda era içada pelo guindaste. Mas o grande detalhe desta foto é o contra-luz de um holofote que formou um contorno muito bonito na pessoa.

Estava tranqüilo com o desenvolvimento do projeto, tanto que na manhã seguinte fui fazer algumas fotos de surf, relax. O dia amanheceu com um sol maravilhoso e o barulho do mar indicava que a ondulação entrava com força na Praia da Vila. Do quarto do Imbituba Hotel, onde estava hospedado, pude comprovar, as ondas tinham crescido o suficiente para uma boa sessão fotográfica. Saí com tripé e uma objetiva 800 mm atrás das feras locais que aproveitavam as ótimas condições das ondas. Fiquei na praia até às onze e meia quando chegou aquele amigo ex-funcionário da Cia Docas.

Fomos almoçar em um lugar aconchegante, para não dizer familiar, do outro lado da cidade. Uma casa bonita cercada por um enorme jardim. Seu dono é uma pessoa simpática que nos recebeu com carinho e que por coincidência adora fotografia. Ele nos mostrou um quarto que serve de arquivo fotográfico, obviamente sem a organização adequada, mas que continha uma quantidade considerável de fotos, posters e álbuns. Me perguntou sobre o projeto, se estava caminhando tudo em ordem e principalmente se eu estava gostando da cidade. Uma pessoa muito simpática mesmo o Sr. Jerônimo Lopes, prefeito de Imbituba.

Depois do almoço familiar fomos direto para o Porto. Já passava das três e o calor intenso castigava os estivadores que suavam dentro dos porões do Frost 3. Por ser um navio frigorífico, a entrada dos porões são bem menores que os cargueiros de sacaria. Para ter uma idéia da temperatura lá embaixo e também fazer algumas fotos, me autorizaram a entrar no porão onde a estiva destilava. Prato cheio para colher imagens fortes do trabalho daqueles homens. A luz difusa que entrava pela abertura do porão era maravilhosa, em determinadas ocasiões melhor que a de um estúdio.

Primeiro tratei de fotografar o ambiente, em plano aberto, com uma 24 mm, depois coloquei a zoom 70~210 mm e passei a explorar os detalhes. Várias fotos feitas neste dia aparecem na exposição, inclusive a foto que considero a melhor entre as melhores em que quatro estivadores de costas empurram a funda, com sacos de açúcar, para o fundo do porão.

Neste dia cheguei no Hotel realizado. A certeza de ter feito boas fotos me tranqüilizava ainda mais. E o tempo colaborava de forma surpreendente. Céu azul todos os dias. Só que a euforia terminou no dia seguinte quando acordei com um barulho infernal, chuva.

Era sexta-feira, já tinha feito boas fotos nos dias anteriores mas um navio de contêiners tinha acabado de atracar. Resolvi conferir. O trabalho naquele navio só começou ao meio-dia e meia, e debaixo de chuva. Como eu tinha acesso de carro, fiquei circulando pelo cais fotografando mais para desencargo de consciência. O resultado ficou melhor que o esperado e pude aproveitar várias fotos deste dia. E foi justamente a chuva que enriqueceu o trabalho aparecendo como um diferencial em relação às outras fotos.

Cheguei em Florianópolis no meio da tarde e a vontade era de colocar os 18 rolos de filme em um balde de revelador e processar tudo de uma vez. Na primeira revelação a grande surpresa. Dos 36 fotogramas de um filme, apenas 6 poderiam ser aproveitados. Uma velatura horrível aparecia intercalada em espaços iguais de ponta a ponta do filme. Nos filmes subseqüentes apreciam as mesmas velaturas com quantidade e intensidades variadas. A vontade que eu tive foi de quebrar tudo. Um misto de desespero e raiva que poucas vezes eu senti e que naquele momento me

massacrava. Com a cabeça um pouco mais fria, coloquei a culpa no rebobinador de filmes. Só poderia ter sido entrada de luz durante a rebobinagem. Eu só compro filmes preto e branco em latas de 30 metros e rebobino em casa. Comprei um novo rebobinador e uma nova lata de filme.

Durante a semana seguinte revelei todos os filmes batidos em Imbituba e em quase todos eles apareciam as malditas velaturas. Mas uma coisa que me intrigava era o fato de alguns filmes, os fotografados no porão e a noite, não apresentarem as velaturas. Era muita coincidência que filmes puxados para 3200 iso não tivessem uma marca sequer de entrada de luz. Mas uma coisa me confortava: as melhores fotos escaparam da "síndrome da velatura".

Na segunda-feira seguinte já estava na estrada para São Francisco do Sul. Ansioso por conhecer aquele porto, mais movimentado que o de Imbituba, e com grandes chances de colher um belo material, no mesmo dia andei por todo o Porto acompanhado pelo assessor Paulo Maluche. Acabei fazendo algumas fotos, apesar de novamente não encontrar nenhum navio no cais. Mas a chegada de um graneleiro para aquele final de tarde estava confirmadíssima.

Acompanhei a atracagem, mas desta vez fiz fotos em terra firme. Como já havia registrado uma manobra completa em Imbituba achei que não seria necessário repetir a seqüência. Cuidei para não perder o trabalho dos amarradores, que no primeiro porto não havia conseguido boas fotos pelo posicionamento dentro do barco. Fotografei de perto toda a movimentação do pessoal carregando os pesados cabos que desciam do navio para laçá-los nos cabeços.

O graneleiro estava em São Francisco para carregar farelo de trigo, mas infelizmente todo o trabalho é feito por máquinas e a mão-de-obra é mínima. O trigo percorre esteiras até chegar nos porões do navio sem que seja tocado por qualquer pessoa.

Meio decepcionado saí atrás de trabalho, ou melhor, de pessoas trabalhando. A poucos metros do cais, um grupo de pessoas formava um círculo em volta de uma caixa. Eram fiscais do ministério da agricultura que examinavam maçãs vindas da Europa. Com termômetro digital, calculadora e pranchetas na mão, eles analisavam minuciosamente o produto que estava entrando no país. Registrei aquele trabalho que também faz parte da mão-de-obra dentro de um porto. Em vários momentos explorei algo parecido com um prédio de contêineres onde os fiscais, erguidos por uma empilhadeira, retiravam caixas de maçã para análise.

Depois de quase uma hora acompanhando o trabalho dos fiscais, decidi guardar "munção" para o dia seguinte já que outro navio tinha confirmado atracagem. Tratava-se do Beteguese, um contaneiro de bandeira verde-amarela que chegava do Porto de Imbituba. A noite ainda apareci no Porto para fazer tomadas noturnas mas foi difícil terminar um filme. Na manhã seguinte, às 9 horas lá estava eu, com bolsa e máquina a tira-colo, pronto para mais um dia de reportagem. A essas alturas já estava familiarizado com o ambiente e principalmente com os trabalhadores do Porto, e a convite do responsável por um dos rebocadores que iria participar da manobra do Beteguese, embarquei para acompanhar a atracagem. Não fiz nada além do que já havia feito em Imbituba. Mas mesmo assim valeu pelo passeio.

O Beteguese atracou às 11 horas, mas só à uma da tarde começaram a movimentar as cargas. Dois guindastes do próprio navio trabalhavam simultaneamente embarcando e desembarcando contêiners cheios e vazios, e a sincronia em certos momentos, prendia a atenção até mesmo dos conferentes, já acostumados com toda aquela movimentação.

Depois de fazer várias fotos no cais, pedi permissão ao imediato, a autoridade máxima depois do comandante, e fiz algumas tomadas a bordo. O Beteguese é um navio diferente por ser um RO-RO, ou seja, possui uma rampa na popa que desce para a entrada de caminhões. Para se ter uma idéia da grandeza do navio, nesse setor uma carreta de 18 rodas percorre toda a área sem precisar fazer manobras, pode-se comparar a um ginásio de esportes de porte médio sem as arquibancadas.

A bordo do navio pude variar os ângulos e fazer belas tomadas do pessoal trabalhando junto aos caminhões de contêiners.

A preocupação com o desenvolvimento do trabalho não me incomodava. Sabia que, apesar das velaturas que ocorreram com os filmes de Imbituba, já tinha um bom material a disposição. São Francisco do Sul e Itajaí foram importantíssimos para dar um complemento e uma referência ao conjunto.

Naquela mesma tarde peguei a estrada rumo a Itajaí, e na manhã seguinte já estava percorrendo o Porto fotografando alguns serviços não registrados nos outros portos, como por exemplo, o trabalho de limpeza no cais. Àquelas alturas, já familiarizado com o universo portuário, pouca coisa me chamava a atenção, e confesso que bateu um pouco de desânimo ao perceber que o tema do meu porjeto final estava se esgotando. Mesmo assim fiquei três dias fotografando no Porto de Itajaí.

As fotos noturnas sempre me impressionaram. E tive o cuidado de não deixar faltar opções na hora da edição do material. Fiz fotos, durante a noite, nos três portos para mostrar que o trabalho não pára, e enquanto tiver navio atracado e serviços para fazer, o movimento é constante.

A noite começa o trabalho de um outro tipo de mão-de-obra. A prostituição está presente, e sem muita cerimônia, nas redondezas dos portos. Pude registrar o movimento em frente ao Porto de Itajaí onde bares na margem da Avenida -----
-- concentraram homens e mulheres atrás de prazer e dinheiro. A dificuldade maior foi justamente de me aproximar de um bar que fica de frente para a entrada do Porto e fotografar sem que fosse visto. Tive que me comportar para que não precisasse da ajuda que não tinha. Estava de carro, mas sozinho. Depois de passar várias vezes pela frente do Bar Mariza e procurar um lugar para que pudesse ficar fotografando com uma certa segurança, resolvi estacionar entre os caminhões parados do lado do Porto. O Bar estava atrás, na diagonal. Com o motor ligado comecei a disparar a máquina.

Equipado com uma 135 mm e usando filme 3200 iso puxado para 6400, fiz algumas fotos, mas que não diziam muita coisa. Estava difícil. Era 9 da noite e dava a nítida impressão que não conseguiria resolver aquele "pepino". Algumas pessoas passavam ao lado do carro olhando desconfiadas, o motor ligado, e eu sentado entre os dois bancos para poder me virar para trás. "O que é que esse cara tá fazendo???".

Ficar o tempo todo virado com a objetiva apontada para o Bar não era bom negócio. Posicionei o retrovisor para poder acompanhar o movimento refletido no espelho. Foi aí que encontrei a luz no fim do túnel para aquele problema. Era possível captar toda a história sem me debruçar na janela do carro. Fiz o restante das fotos com mais tranquilidade e pude esperar os momentos certos para clicar.

A expectativa em revelar os filmes de São Francisco e Itajaí era grande. Cheguei em casa e fui direto para o laboratório processar a segunda etapa do projeto. Qual não foi a minha surpresa ao desenrolar o primeiro filme e encontrar ... as "diabólicas velaturas", idênticas àquelas que apareceram no material de Imbituba. Meio desnor-teado pensei em jogar tudo para cima e o equipamento pela janela, mandar tudo à m..., não sabia o que fazer, esmurrar a parede do quarto, talvez fosse a solução.

De cabeça 0,5° C menos quente, tentei decifrar o "enigma das velaturas". Duas hipóteses foram levantadas: infiltração de luz no momento da rebobinagem ou pela tampa da máquina fotográfica. Coloquei um filme em outra máquina e saí para fotografar. Era um dia de sol, ideal para ter a confirmação de que a luz estaria ou não entrando pela tampa. Revelei o filme e novamente as velaturas apareceram. O problema não estava na máquina. Aquilo estava começando a me angustiar. Na minha infância gostava de brincar de detetive, mas esse caso, além de ser real e sério, estava acontecendo na hora mais imprópria possível, em pleno projeto de conclusão de um curso universitário.

Fiquei sentado na beira da cama por mais de uma hora, olhando para o equipamento e os negativos de todos os filmes processados até então. Analisei as velaturas e levei em consideração uma coisa que já havia percebido desde os filmes de Imbituba. As velaturas apareciam em vários pontos do filme mas sempre, e rigorosamente, na mesma terça parte esquerda do fotograma. Peguei uma tira (06 fotogramas) unutilizada pelas "ditas" e encaixei o quadro da foto na janela do obturador da máquina para tentar descobrir alguma coisa. A velatura a esquerda do obturador estava posicionada próximo à janela da tampa feita para se ver as especificações do filme.

Eu estava no caminho certo. Como eu só uso filme PxB rebobinado, é necessária uma etiqueta na bobina para identificar o tipo de filme. E por coincidência naquela lata usada em Imbituba eu comecei a usar etiquetas impressas no computador e coladas na bobina com durex. Antes identificava com etiquetas adesivas. O durex colocado por cima do papel branco multiplica a intensidade de luz e dependendo do ângulo dos raios solares que atingem a máquina, rebatem na etiqueta e velam o filme. Aí se explica a ausência de velatura nas fotos feitas nos dias nublados e durante a noite. A certeza absoluta veio mais tarde. Troquei todas as etiquetas daquele lote de filmes e não tive mais problemas.

CONCLUSÃO

No início do desenvolvimento deste projeto, assim como em qualquer reportagem, não se tem uma idéia muito concreta do que é possível registrar e principalmente aproveitar. Apesar de bem definido e específico, o projeto poderia mudar de rumo durante os trabalhos nos portos. Felizmente isso não aconteceu pois eu estava certo do que queria.

O desafio de realizar uma reportagem fotográfica com este porte e importância não me preocupou diretamente. De vez em quando, ou melhor, freqüentemente ouvia uma voz que dizia: "Pô cara, vê se não vai dar vexame. Tú tens que fazer belo material, e o pior, é a especialidade do Salgado. Que resposta, hein?". A freqüência dessa paranóia correspondia às trocas de filme. Toda vez que eu ia colocar um novo filme na máquina, eu escutava essa voz e pensava que dependia única e exclusivamente de mim e do meu equipamento sensibilizar aquelas emulsões com belas imagens.

Na minha opinião o objetivo foi alcançado. Eu me propus a mostrar a mão-de-obra dos portos de Santa Catarina, o ambiente em que eles trabalham, suas atitudes, suas expressões. E desde o início do trabalho tomei cuidados extremos com relação à composição das fotos. Eu sabia que somando este elemento ao fato jornalístico não seria tão difícil realizar um trabalho de bom nível.

Acredito que as pessoas terão a chance de conhecer um pouco mais sobre os trabalhadores de portos com esta exposição fotográfica. Pretendo percorrer as três cidades visitadas durante o projeto: Imbituba, São Francisco e Itajaí, e quem sabe outros Estados como Paraná e Rio Grande do Sul.

